

## ■ DOSSIÊ - ARTIGOS

# ■ Análise das sugestões para o trabalho docente com o estudante com Transtorno do Espectro Autista - síndrome de Asperger

 Alessandra Gonçalves de Miranda Gabarão\*

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise quanto às sugestões contidas no Relatório de Avaliação e Intervenção Educacional (RAIE), elaborado pela Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA), com a preocupação de verificar se tais sugestões puderam contribuir para o processo de inclusão do estudante recentemente diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista- Síndrome de Asperger (TEA-SA). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que buscou investigar o impacto do RAIE, de atendimento e intervenção psicopedagógica do EEAA, para um estudante com TEA-SA. Este teve suas adequações previstas e documentadas juntamente com as orientações para a escola, família e professor. É na orientação para o professor que será pesquisado se tais sugestões foram realmente eficazes para o discente incluso na rede de ensino público.

**Palavras-chave:** Relatório. Inclusão. Autismo. EEAA. RAIE.

---

\* Alessandra Gonçalves de Miranda Gabarão é graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (2004). Servidora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: ale.gmg@gmail.com.

## Primeiras palavras

O objetivo deste trabalho é analisar o processo, com foco no RAIE, de inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista- Síndrome de Asperger<sup>1</sup>, recentemente diagnosticado, em uma das escolas classes da rede pública do DF, no 4º ano do ensino fundamental, anos iniciais. Subdivide-se em dois objetivos específicos que foram: perceber as necessidades do aluno TEA-SA e realizar análises das estratégias sugeridas no relatório de avaliação e intervenção escolar do EEAA.

Esse estudante passou por intervenção e avaliação, realizadas pela Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA), da Secretaria de Educação do DF.

O trabalho da EEAA é multidisciplinar (pedagogo e psicólogo). Tem como objetivo contribuir para a promoção do sucesso escolar por meio de ações institucionais, atuando com os diversos sujeitos da unidade educativa (SEEDF, 2010). Muitas vezes também auxilia no processo de avaliação de crianças que passaram por diversas intervenções educacionais, não avançaram em algum aspecto e precisam de uma avaliação/intervenção externa que podem vir ou não a confirmar um diagnóstico, de acordo com as hipóteses levantadas pela EEAA.

A atuação da EEAA inicia-se com o mapeamento institucional, intervém em situações de queixa e se propõe a buscar, juntamente com a equipe escolar, alternativas que auxiliem no manejo dos desafios, inclusive na promoção do processo de inclusão das crianças que apresentam necessidades educacionais especiais. Esgotando-se esse procedimento inicial, em casos pontuais e específicos, a criança pode entrar no processo PAIQUE (Procedimento de Avaliação e Intervenção à Queixa Escolar), iniciada junto ao que expõe a queixa, que mais frequentemente vem a ser o professor/escola, sendo o primeiro nível de investigação desse processo. Se necessário, passa-se para o segundo nível que é o familiar. Não sendo ainda suficiente o trabalho de orientação, passa-se para o terceiro e último nível que é o estudante, para investigar possíveis dificuldades, transtornos ou deficiências, necessitando de metodologias específicas e adaptações escolares.

Após essa fase, a criança com necessidades educacionais especiais, sejam elas oriundas de uma deficiência ou transtorno de aprendizagem, passa por um processo de adequações educacionais para melhor ser atendida. Esse processo é previsto em documento nomeado Estratégia de Matrícula, que prevê entre outras adequações, atendimento em turmas reduzidas e por sala de recursos, pela adequação curricular, entre outros.

O EEAA propõe a escola, ao professor e a família, sugestões de intervenções de acordo com a necessidade do aluno. A partir dessa etapa que o EEAA precisa estar atento se a criança está sendo realmente atendida, se as sugestões estão sendo eficientes, realizando uma devolutiva para o docente que atuará com este estudante no corrente ano.

O professor, diante do desafio de promover a aprendizagem, as interações e adaptações em sala de aula, constantemente busca assessoramento ao seu trabalho pela atuação dos diversos segmentos escolares como a coordenação pedagógica, o EEAA, gestão, sala de recursos, entre outros. Essa demanda surge quando o docente percebe que o estudante demonstra pouco avanço frente aos objetivos propostos.

Esse processo deu origem às indagações que levaram ao desenvolvimento dessa pesquisa partiram da necessidade de buscar compreender o processo de inclusão, tendo como objetivos específicos: perceber as necessidades do aluno TEA/Síndrome de Asperger e analisar as estratégias pedagógicas que promovem a inclusão desse estudante ao ambiente escolar, a partir do Relatório de Intervenções e Avaliação Educacional, do EEAA.

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo que buscou investigar o impacto do RAIE, de atendimento e intervenção psicopedagógica do EEAA, para um estudante com TEA-SA. Este estudante foi diagnosticado recentemente e, por meio do RAIE, teve suas adequações previstas e documentadas as orientações para a escola, família e professor. É para este último que será pesquisado se as orientações/sugestões foram realmente eficazes para o estudante incluso na rede de ensino público.

## O caminho da pesquisa

A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de campo, em uma das escolas públicas do Distrito Federal, na Coordenação Regional de Ensino do Paranoá/Itapoã com a professora que recebeu no corrente ano, o estudante TEA-SA. Recebeu relatório descritivo de todo processo interventivo e investigativo, contendo ainda orientações para o manejo em sala de aula e ambiente escolar como um todo, objetivando a inclusão do aluno em suas necessidades educacionais especiais. Foi utilizada entrevista semiestruturada, gravada em áudio e acompanhamento por meio de registro em caderno de campo, a partir das sugestões contidas no RAIE, com a professora, nas dependências da escola.

O estudante foi encaminhado ao EEAA inicialmente por apresentar dificuldades de comunicação e por não buscar interação, demonstrando não saber como pedir ajuda ou como se impor, e também dificuldade na pronúncia de algumas palavras, ou seja, atraso no desenvolvimento da fala. Mora com o pai, a mãe e uma irmã mais nova. A família é presente e atenta quanto aos encaminhamentos sugeridos pela escola, inclusive pelo EEAA, para melhor incluir o estudante.

A criança chamou a atenção pela forma diferenciada que se comportava em sala. Isto levou o EEAA a estar observando melhor o estudante nos diversos espaços da escola e, percebeu-se que o mesmo demonstrava dificuldades de interação social, preferindo a maior parte do tempo, estar só e, quando aproximava-se dos demais, fazia-o de forma desajeitada, sem contato visual e expressões faciais.

Uma outra característica percebida na criança foi a sensibilidade sensorial, principalmente auditiva, demonstrando grande incômodo com barulhos e ruídos e que o deixavam irritado e ansioso. Esse comportamento também foi observado em mudança de rotina, principalmente quando não esclarecida com antecedência.

Dessa forma, percebeu-se que a criança necessitava de adaptações escolares que facilitassem o acesso a esse ambiente, inclusive ser incluída pelo processo previsto em estratégia de matrícula. O estudante foi contemplado com turma reduzida, adequação curricular voltada para o trabalho das habilidades sociais, acompanhada pelo trabalho do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O AEE realiza atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais, por pedagogo especialista, a fim de proporcionar-lhes acessibilidade à educação de qualidade, oferecendo

oportunidade de uma educação que beneficie a formação pessoal, de preferência em ambiente inclusivo, com recursos e apoio crescente a níveis de escolarização cada vez mais amplos. Esse serviço busca juntar à comunidade escolar, as adaptações necessárias, como a curricular, oferecendo recursos de acessibilidade ao currículo (SEEDF, 2010).

O AEE também se utiliza do RAIE para conhecer o estudante e, partir do mesmo para elaboração da adequação, juntamente com o discente, traçando os caminhos necessários à inclusão do aluno. A partir destas contribuições, este estudo tem como foco o trabalho docente com o estudante TEA-SA.

No RAIE existem vários tópicos como identificação do estudante, entrevista com a família, avaliações pedagógicas e psicológicas, encaminhamentos, conclusão e orientações para escola, professor e família.

No tópico referente às sugestões para o professor, de estudante TEA-SA, existem alguns itens específicos para atendimento, de acordo com as avaliações, dados levantados anteriormente pelo EEAA, a fim de facilitar o início do processo de intervenção e planejamento do professor que foram agrupados em dezesseis assuntos para orientar a análise. São eles: rotina; ajuste das atividades; potencialidades; apresentação das atividades do currículo de forma visual e com uso de material concreto; atividades interativas para promover habilidades sociais; atendimento individualizado; relação do conteúdo a vivência do aluno; reforço positivo aos comportamentos desejados; pareamento com parceiro mediador; ensino de comportamento social desejado; discutir conduta indesejada; regras de convivência discutida na turma; relacionamento positivo com o aluno; estabelecer cooperação entre os alunos; recorrer ao EEAA e AEE buscando suporte principalmente em situação de crise; orientar demais colegas como agir quando apresentar conduta atípicas.

### Transtorno do Espectro Autista

De acordo com DSM- 5, (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, 2015), a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta alterações no neurodesenvolvimento, com dificuldades na comunicação e interação social, padrões restritivos e repetitivos de comportamento persistentes em diferentes contextos que causam prejuízos nas relações sociais. Embora todas as pessoas TEA partilhem as dificuldades mencionadas, podem manifestar com intensidades diferentes, desde grau severo a moderado e leve. O DSM- 5 (pag. 52) subdivide em pelo menos três níveis de gravidade.

Nesse artigo foi dada mais ênfase à Síndrome de Asperger, atualmente denominada, de acordo com DSM-5, autismo de nível leve, caracterizado pela dificuldade de comunicação social, a falta de iniciativa nas relações sociais, mesmo sem comprometimento na linguagem e que demonstre ou não uma fala fluente. Além disso, não fazem amizade facilmente, apresentam comportamento social estranho, pouco contato visual, interesse obsessivo por determinado assunto, estereotípias, coeficiente intelectual dentro ou acima da média.

Os estudantes que apresentam características compatíveis com nível leve de autismo (Síndrome de Asperger), geralmente apresentam probabilidade de converter-se em adultos independentes e produtivos, porém necessitam de apoio.

O autor e médico Hans Asperger descreveu as características dessa síndrome, antes denominada por ele como psicopatia autística infantil:

(...) um tipo de criança peculiar e interessante que pode compensar suas deficiências por um alto nível de pensamento e experiência pessoal que podem levá-los a excepcionais êxitos na vida adulta. Sua finalidade ao apresentar as dificuldades dos psicopatas era tornar legítima a reivindicação de um tratamento educativo apropriado para seres humanos diferentes e com dificuldades específicas e características. Ele acredita que apesar de sua anormalidade são capazes de desempenhar seu papel na sociedade se encontrarem uma resposta de amor, compreensão e guia, enfatizando a relação entre psicologia e educação. O trabalho de Asperger se inseria no Departamento de Educação Especial da clínica pediátrica e era influenciado pela Pedagogia Curativa de Rudolf Steiner (ASPERGER apud DIAS, 2015, p. 3)

É interessante notar a preocupação de Asperger em um tratamento educativo adequado para as crianças dentro do espectro autista, não focado apenas em descrever um diagnóstico. O autor defende a promoção eficiente de adequações do ambiente e do manejo das informações.

Para tal, a criança precisa se apropriar de instrumentos culturais, que segundo Vygotsky (apud, MARTINS, 2016), são criados na trajetória filogenética, ou seja, para uma maior adaptação social. Esses instrumentos acabam sendo elaborados para pessoas com desenvolvimento "típico", que apresentam desenvolvimento biossocial esperado para cada fase do desenvolvimento humano. Pessoas com desenvolvimento atípico precisam ser incluídas a partir de estratégias alternativas, denominadas por Vygotsk como caminhos isotrópicos, ou seja, caminhos de rodeio, que facilitem o acesso aos conhecimentos e valores sociais (MARTINS, 2016).

Esses "caminhos isotrópicos" citados por Vygotsky são instrumentos de mediação das relações humanas e dos conhecimentos culturais como a linguagem, cuja interpretação acontece no cérebro humano, mas que precisa passar pelos sentidos perceptivos convencionais e adaptados para pessoas com deficiências ou transtornos de aprendizagem (linguagem oral, escrita por alfabeto em grafemas, braille, libras, entre outros).

Essas ferramentas alternativas facilitam o processo de inclusão e a promoção de acesso à cultura, a cidadania, para as pessoas com necessidades educacionais especiais. Nesse contexto, a escola é a instituição responsável pela construção de uma cultura que viabilize a qualidade de vida e inserção social da pessoa com deficiência.

### Atendimento Educacional

A escola foi eleita pela sociedade como lugar de socialização dos saberes sistematizados, repassados às novas gerações com fins a inserção social e cultural, que deveria servir de mecanismo de libertação e desenvolvimento humano e não da perpetuação das injustas condições sociais já existentes. Contudo, a escola apresenta, segundo Maciel e Barbato (2015), forte apelo à seletividade, com um padrão referencial que hegemoniza os sujeitos e exclui a quem resistir a essa padronização e, é nessa mesma escola que nos últimos anos vem sendo implantado o processo de inclusão das minorias que reivindicam igualdade de direitos sociais.

Nesse contexto, a inclusão escolar vem sendo implantada a partir da produção de diversos documentos, nos quais as questões legais aparecem como suporte orientador, com

grandes avanços e conquistas, mas que não garantem de fato esse processo.

Como alternativa que se contrapõe a esse modelo de escola, a concepção histórico cultural de desenvolvimento humano concebe o processo de aprendizagem escolar de caráter subjetivo, mediado pela cultura, em que os estudantes se apropriam do conhecimento social em que estão inseridos. Idealiza a educação como um complexo e contínuo processo, sempre em movimento, que precisa ajustar a concepção social ao sujeito e não apenas a desordem biológica do indivíduo ao meio em que vive.

Para tal, a escola precisa oferecer ambiente de comunicação e relações que gerem produção de sentido sobre a aprendizagem e as diferenças. A participação do estudante deficiente muitas vezes é negada pela cultura do paternalismo, assistencialismo e a visão de diagnóstico em seu processo como um todo de forma singular. Para cada criança, principalmente a com necessidade educacional especial, deve ser ofertado um programa que considere suas necessidades não decorrendo de receitas, mas da ética para com o outro, independente de advir de uma deficiência ou transtorno global ou específico do desenvolvimento.

Nesse sentido, é garantido por lei à pessoa TEA-SA, com menor ou maior intensidade, a inclusão escolar com apoios necessários. E, quanto antes, maior a probabilidade de sucesso das intervenções para esta criança.

Dentre as características peculiares do TEA, a dificuldade comunicativa dão indícios de risco ao seu desenvolvimento intelectual, linguístico e social (CARVALHO, 2015). São necessárias variadas abordagens interativas para se proporcionar uma comunicação fluida, fato este que desafia a comunidade escolar.

Esse desafio ocasiona um movimento em busca de apoio aos diversos atores que se propõem a oferecer suportes pedagógicos, como a EEAA. Estes profissionais desenvolvem estratégias de ensino facilitadores do processo de ensino e aprendizagem.

### **O processo de investigação e intervenção ao estudante TEA-SA**

A criança dentro do espectro autista, mesmo leve, ainda mais sem déficits cognitivos demoram mais para serem percebidas mesmo pelos pais, pois o conjunto de sintomas fica mais perceptível quando em contato com seus pares. Este fato foi observado no estudante sujeito deste estudo.

A escola recebeu a matrícula do estudante no primeiro ano da alfabetização. Ele ainda não havia estudado em outra instituição. Os professores, ao perceberem certos comportamentos atípicos ao esperado para a idade e ano escolar, mesmo considerando o contexto, como a falta de acesso à educação infantil, encaminharam o estudante ao EEAA para investigação e/ou intervenção a queixa.

O aluno em estudo, atualmente no quarto ano do ensino fundamental, foi encaminhado inicialmente por dificuldade na fala, como na interação e também alguns comportamentos atípicos que levaram a necessidade de dar continuidade ao processo PAIQUE de nível três. Percebeu-se também que seu desenvolvimento acadêmico estava fluindo de forma adequada.

Ele demonstrou ambiente escolar, déficits na comunicação, mesmo tendo trabalhado a dificuldade na pronúncia. Percebeu-se pouca ou quase nenhuma reciprocidade emocional,

partilha de interesses, afetos e em expressar a própria necessidade fisiológica. Não demonstrava iniciativa para relacionar-se com os colegas e realizava pouco contato visual, sensibilidade sensorial (sendo a mais perceptível a auditiva), irritando-se muito com barulhos dos colegas em sala, o que demonstrava, por gestos como tapar os ouvidos, balançar-se ou recolher-se na carteira.

A criança apresentava um comportamento hipoativo, o que geralmente incomoda menos os docentes e chama menos a atenção. O estudante ainda mostrou grande facilidade para aprendizagem, sendo aluno destaque nas disciplinas escolares.

Os pais relatam ainda que o aluno tem o hiperfoco em atividades de concertos de aparelhos eletrônicos, como celulares e que o faz por conta própria buscando tutoriais na internet. Os vizinhos o apelidaram de “cientista” e a família orgulha-se das habilidades do filho.

A criança foi observada durante algum tempo, sendo fechado seu diagnóstico no final do ano de 2015. Considerando a dificuldade sensorial, pensou-se na turma reduzida para minimizar os estímulos ambientais e favorecer a adaptação do aluno. Iniciou-se atendimento em sala de recursos para trabalhar habilidades sociais, a autonomia, comunicação, funções executivas, por meio de metodologias específicas e uso de tecnologia assistiva.

Na conclusão do relatório de avaliação e intervenção escolar produzido pelo EEAA, houve uma parte que foram sugeridas intervenções ao professor, à escola e à família, de acordo com as características do estudante em suas necessidades educacionais especiais.

### **Resultados**

O primeiro objetivo desta pesquisa foi perceber as necessidades do aluno TEA-SA e o segundo, analisar as estratégias sugeridas no relatório de avaliação e intervenção escolar do EEAA, se na prática foram eficazes para inclusão do estudante.

O quadro 1 mostra os resultados de acordo com o primeiro objetivo, referente à necessidade, de acordo com a fala da professora, gravada em áudio, a partir de um questionário semiestruturado.

O segundo objetivo foi realizar a análise das estratégias, para trabalhar os aspectos observados no quadro 1.

O ingresso do aluno na turma fez com que a rotina precisasse ser pensada e oferecida com mais recursos visuais. Observou-se que o estudante seguiu a rotina prevista em sala, provavelmente depois de decorá-la, o que não descarta a possibilidade de uso em outros anos, visto que esse método diminuiu a ansiedade da criança.

Percebeu-se que quando havia atividade na escola que fugia ao planejado, como atividades no pátio, a criança fica intensamente ansiosa, estressada, sendo necessárias intervenções para que se acalme e sinta segurança para participar do evento. A partir desta constatação, surge a necessidade de repensar essas práticas durante o planejamento coletivo, sendo esse mais um item a ser acrescentado nas sugestões para a escola.

O interessante é que muitas das atividades sugeridas são trabalhadas com toda a turma, pois muitas delas são benéficas para os estudantes em geral, sendo necessários alguns ajustes para a criança TEA-SA, são ferramentas indispensáveis para um trabalho bem sucedido em qualquer turma. O reforço

Quadro 1.

De acordo com sugestão no Relatório de Avaliação e Intervenção Educacional	De acordo com a professora	Resultados
Estudante acompanha currículo oficial	Relata que <i>"o aprendizado dele é bom, não requer estratégias diferenciadas"</i> , sugerindo conforme consta no relatório que o estudante acompanha o currículo oficial.	Ambos estão de comum acordo nesse aspecto.
Hiperfoco de interesse em desenho e montagem de aparelhos eletrônicos	O foco de interesse em <i>"desenhos, atividades de montar e desmontar assim como (concerto de) pequenos aparelhos eletrônicos"</i> . Em observação em sala (DIÁRIO DE CAMPO, 04/11/2016), a professora realizou atividades de pintura em grupo de acordo com o tema que está sendo trabalhado. Essa atividade, de acordo com seu planejamento, é mais frequente as sextas-feiras para <i>desfecho de temas ou conteúdos lecionados</i> .	Dentre esses interesses da criança, a docente lamenta o fato de não poder trabalhar a segunda habilidade por não dispor na escola desse recurso ou mesmo um profissional específico, porém vem trabalhando artes visuais em sala como incentivo a aprendizagem e socialização da criança.
Atividades diversificadas que privilegie recursos multissensoriais, principalmente o visual.	Nesse quesito a professora discorda alegando não perceber essa necessidade e que oferece recursos táteis e visuais a todos os alunos, de acordo com o conteúdo trabalhado e que o aluno não tem demonstrado necessidade maior de recursos além do necessário para seus pares.	De acordo com observação, percebe-se que a professora utiliza materiais concretos com toda a turma. Ainda assim, considera-se que a criança seja contemplada com atividades oferecidas de forma a privilegiar a visualização, ou seja, a criança apresenta, segundo EEAA, modalidade de
Rotina oferecida de forma visual	Fez uso do recurso apenas no início do ano para adaptação do estudante	Há necessidade de uso durante todo ano letivo
Conversar antecipadamente sobre possíveis mudanças de rotina	Dentro do planejamento da professora, ela consegue monitorar essa intervenção, mas queixa-se da escola propor atividades extras que mesmo os docentes são avisados em cima da hora.	Essa dificuldade precisa ser levada para momentos de coordenação coletiva, pois o aluno não está sendo atendido nesse quesito.
Pareamento com parceiro mediador (monitor)	Há a necessidade, mas a escola não disponibiliza desse profissional, então é feito com colega da turma ou educador social, que auxilia na higiene, locomoção e alimentação;	A escola precisa assegurar o suporte necessário para a criança.
Reforços Positivos	Tem sido também uma prática que se estende a todos os alunos e	É uma prática importante não só para o aluno TEA,
Atendimento individualizado	Este tem sido mais especificamente quanto às dificuldades como <i>"o trabalho com habilidades motoras, de comunicação e não com o conteúdo em si"</i> .	A docente realiza atendimentos individuais ao estudante e a turma em geral.
Sensibilidade sensorial(principalmente auditiva) e motora	Percebe que a criança irrita-se quando exposta a muitos estímulos e a docente vem monitorando o ambiente, conversa com os colegas sobre esse aspecto. Há o trabalho extra classe com toda turma para trabalhar coordenação motora: <i>"essas atividades vem desenvolvendo a coordenação motora do aluno (...), hoje ele já tem mais habilidades como pular, correr, deitar, levantar, que anteriormente, ele não apresentava"</i> .	Percebe-se que em sala a criança demonstra melhora postural ao sentar-se, ao andar para ir às outras dependências da escola.
Ensino de comportamento social adequado	Concorda e vem sendo trabalhado, pois a criança não demonstra iniciativa para interagir, dificuldade no reconhecimento das emoções por meio das expressões faciais, expressar oralmente suas necessidades como: <i>"alimentar-se sozinho, pegar o próprio prato, solicitar ir ao banheiro, escovar os próprios dentes"</i> .	Planejar e trabalhar juntamente com a sala do AEE, não só essa, mas todas as necessidades, para promover a autonomia.

Fonte: Autora.

positivo; o trabalho com recursos multissensoriais; a rotina; a socialização; o trabalho cooperativo; as potencialidades (o TEA diferencia-se pela obsessão e hiperfoco com o tema preferido) do respeito à diferença, não só a diferença do aluno especial, mas da diversidade da turma em si, os combinados de acordo com o comportamento adequado ao ambiente escolar para se promover harmonia nos relacionamentos e andamento do trabalho pedagógico.

A professora tornou-se mais atenta ao planejar atividades que promovessem a relação do queo estudante estava aprendendo na escola com as situações da vida dos alunos, sendo uma das sugestões que também é benéfica para toda a turma.

Houve o cuidado na previsibilidade dos acontecimentos que diminuíssem a ansiedade do educando, porém a professora queixava-se, em alguns momentos, da mudança nas intervenções como, por exemplo, troca de professores para um rodizio de atividades. Era preciso estar lembrando constantemente a coordenação de que para o aluno, é importante ter um cuidado e deixá-lo à vontade para decidir em mudar de turma ou permanecer com a professora com atividade adaptada, entre outros. Para esse quesito não ocorreu uma orientação específica do EEAA, por não haver no momento da avaliação, o surgimento dessa necessidade.

Um item que foi sugerido no relatório, mas que depois virou motivo de discussão foi o ensino de condutas sociais adequadas específicas como estabelecer contato visual, entre outros. Percebeu-se que esse contato gerou na criança ansiedade, desconforto que muitas vezes não fazê-lo não interferia na sua adaptação e aprendizagem e que deve ser respeitada se o aluno não o quiser.

Sempre que necessário, a professora recorreu à equipe pedagógica para suporte. Mas, o manejo em sala vem sendo bem sucedido e o aluno está sendo beneficiado com as adequações que são realizadas em prol do seu desenvolvimento enquanto sujeito.

### Considerações Finais

Percebeu-se que o RAIE foi um documento importante para conhecer as necessidades do estudante TEA-AS em suas especificidades, seu contexto, para iniciar um processo de inserção escolar e adequações necessárias, principalmente as sugestões direcionadas à atuação docente, que não dispensa outras pesquisas e uma formação constante para melhor atuação pedagógica.

De acordo com Asperger, que se preocupava em promover uma pesquisa que auxiliasse a escola em um tratamento

educativo adequado para a criança, foi necessário conhecer as características específicas do aluno, entender a singularidade do seu funcionamento, considerando-o capaz de aprender e se desenvolver como os demais. Para Hans Asperger (apud, DIAS, p. 3) é fundamental o “tratamento educativo apropriado para seres humanos diferentes e com dificuldades específicas e características”, pois apesar das peculiaridades, são capazes de “desempenhar um papel na sociedade e encontrar papel de amor, compreensão e guia”.

Partindo desse pressuposto, a EEAA vem realizando trabalho voltado para intervenções junto à comunidade escolar de inclusão e adaptação de acordo com as peculiaridades de cada estudante, sugerindo estratégias alternativas de aprendizagem e habilidades sociais, por meio de caminhos isotrópicos, ou seja, caminhos de rodeio que facilitem o acesso aos conhecimentos e valores sociais (MARTINS, 2016).

Para esse trabalho inicial de inclusão, por meio de sugestões relatadas em documento expedido pelo EEAA, que foi elaborado a partir dos conhecimentos sobre o aluno, uma série de sugestões que foram discutidas e observadas na prática do cotidiano escolar e a validação. Sabe-se que o professor é o principal mediador dos processos de aprendizagem e que contribui significativamente para facilitação dos relacionamentos no ambiente escolar sendo de suma importância e relevância a sua atuação, que exige ainda uma maior sensibilidade e comprometimento com o processo de inclusão.

As devolutivas do RAIE, aconteceram no espaço específico da coordenação pedagógica, junto ao docente, validando assim a função desse local de formação e trocas de experiências entre os autores envolvidos no processo, que enfrentam vários desafios ao longo do trabalho e necessitam de constante apoio e formação.

O acesso ao relatório se deu por meio de busca ativa do professor, que buscou em dossiê na secretaria, pesquisas sobre intervenções para o discente e a procura de apoio aos serviços especializados (EEAA e AEE). Dessa forma, é importante que o EEAA, esteja atenta a devolutiva inicial ao professor que recebe a criança recentemente diagnosticada para discutir as sugestões propostas logo que entre em contato com a criança, facilitando assim elaboração de planos de intervenção para o educando pelo professor juntamente ao AEE.

Essas sugestões serviram de suporte inicial para elaboração de um programa de intervenção educacional para o estudante, que estão sendo inseridas com o cuidado que ele merece e precisa para se desenvolver, garantindo seus direitos. A inclusão do estudante, enquanto processo complexo, dentro de uma escola historicamente marcada pela seletividade e padronização, (MACIEL e BARBATO, 2015) precisa ser constantemente repensada, num movimento de partilha de saberes entre os profissionais, nos diversos espaços educativos.

Com base nos resultados dessa pesquisa, percebeu-se que o RAIE construído pelo EEAA foi relevante enquanto instrumento norteador tanto para entender a singularidade do aluno quanto para iniciar o processo de intervenção educacional. O relatório aponta alguns pontos avaliados e observados em determinado momento da vida da criança em que as propostas de intervenção escolar precisam ser contínua, adaptadas de acordo com o desenvolvimento e necessidade da criança.

A partir da pesquisa é possível inferir que há um movimento de intervenção para incluir a criança com necessidade especial ao ambiente escolar, levando em consideração a peculiaridade e limitação do educando, inclusive do próprio docente e, mesmo do trabalho das equipes de apoio educacional.

O estudo apontou para a necessidade de formação continuada dos profissionais envolvidos que é de suma importância para o trabalho educativo inclusivo, pois é gerada, no mundo todo, pesquisas diversas a todo o momento.

Esses princípios precisam ser levados para contexto de coordenação pedagógica enquanto espaço destinado à formação e trocas de experiências entre a comunidade escolar, viabilizando a mediação educacional favorável e ações efetivas de aprendizagem para promoção de todos os estudantes em suas necessidades educativas especiais.

O trabalho educativo exige abertura para novos desafios e conhecimentos, dentro de um processo dinâmico de transformação que precisa dar espaço de escuta para o professor que está como principal mediador do processo de inclusão. Considerando que toda pessoa tem suas necessidades educacionais específicas em algum momento da vida escolar. ■

## Notas

<sup>1</sup> Forma de autismo denominada hoje pelo DSM 5 como autismo leve, de nível 1, porém, a nomenclatura anterior- Síndrome de Asperger será mantida neste artigo devido ainda ser usado na maioria dos documentos oficiais, principalmente da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

## Referências bibliográficas

- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA – APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** – DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica, do Ministério da Educação. **Orientação Pedagógica**, Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem. Brasília: SEB, 2010.
- \_\_\_\_\_. Secretaria da Educação Básica, do Ministério da Educação. **Orientação Pedagógica**, Atendimento Educacional Especializado. Brasília: SEB, 2010.
- \_\_\_\_\_. Secretaria da Educação Básica, do Ministério da Educação. **Estratégia de Matrícula**. Brasília: SEB, 2016.
- DIAS, Sandra. **Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade**. Revista Latino-americana Psicopatologia Fundamental, 2015, vol. 18, n.2, pp 307 a 313. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141547142015000200307&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141547142015000200307&script=sci_abstract&tlng=pt)> acesso em agosto de 2016.
- MACIEL, Diva A. e BARBATO, Silviene. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. 2ª edição, Brasília: UnB Editora, 2015.
- MARTINS, Linair M. B. **Letramento de estudantes com deficiência**. Disponível em <[http://www.eape.se.df.gov.br/ead/pluginfile.php/80221/mod\\_resource/content/1/TEXT0%200%20Letramento%20de%20estudantes%20com%20defici%C3%Aancia.pdf](http://www.eape.se.df.gov.br/ead/pluginfile.php/80221/mod_resource/content/1/TEXT0%200%20Letramento%20de%20estudantes%20com%20defici%C3%Aancia.pdf)>.